

O regresso é certo

Fuck it's too late para que um artista angolano possa enviar uma galinha para o espaço, uma história que só faz sentido se contada por Binelde Hyrcan em discurso directo. Contudo, Fuck is too late refere também a ambiguidade latente da ideia de tempo e temporalidades na sua relação com a dimensão sócio-local da economia. Partindo do contexto da Luanda contemporânea, aliás, da ilha de Luanda, onde Hyrcan reside com a sua família, o artista recupera diversas camadas biográficas, configuradas em conversas, visualidade vernácula, e um comércio benigno de afetos e produtos distintos. A omnipresença de uma dimensão conversacional entre as várias personagens, lugares e referências, mostra o posicionamento (sempre) dialógico de um artista a quem interessa principalmente aquilo que as imagens querem e o modo como cada observador as interroga e aceita.

Há, pois, um diálogo constante, muitas vezes confuso e cacofónico, no universo imagético de uma cidade à qual se regressa em cada obra desta exposição. Esse diálogo materializa-se na visibilidade da palavra, seja na frase neonizada que dá título à exposição, seja nas diferentes inscrições verbais – a vitória é certa ou volto já – nas kwanzas e nos dólares, respectivamente, que trespassam a exposição. Em *Agitação Sobrenatural*, um diálogo é transformado em entidade videográfica, mostrando que a visualidade é sinestésica, acumulando diferentes disposições sensoriais, tal como o inter-relacionamento humano.

Independentemente do seu estatuto medial – diverso como sempre no trabalho de Hyrcan –, todas as obras presentes na exposição atravessaram o mesmo percurso criativo: resgatar imagens presentes na visualidade vernácula da Luanda contemporânea e inscrevê-las no processo artístico. Hyrcan, que nunca abandona o registo tragicómico, traz à discussão uma economia angolana obliterada do discurso mediático: o comércio local, os candongueiros, as relações pessoais que permeiam as trocas ou as vontades comerciais. Não há lugar para análise financeira ou para projecções macroeconómicas, apenas para a especulação visual e um resgate da imagética futura que poderá nunca acontecer. Será que João Lourenço terá o seu rosto inscrito nas kwanzas como os anteriores presidentes angolanos? Ou serão, pelo contrário, esses rostos a desaparecer? A resposta é, tal como a obra, um campo aberto de possibilidades.

Hyrcan recorda-nos que a circulação de dinheiro é também uma circulação de imagens e que nunca devemos esquecer a necessidade de levar as imagens a sério. As notas e moedas desvelam identidades, mas também ficções, nacionais, disposições hierárquicas, lugares de pertença e de poder. É a consciência da centralidade das imagens na produção e reprodução de relações sociais e políticas, na criação de um tecido cultural (cada vez mais global) e na constituição de um mundo comum que leva Hyrcan a evidenciar o visível da circulação monetária – os rostos e os diálogos que a possibilitam - e a esquecer por momentos o anonimato hiper-real que permeia os mercados financeiros.

Fugindo à necessidade simplificadora da grande panorâmica, Binelde Hyrcan aproxima o espectador das pequenas narrativas que, em conjunto, configuram uma cidade que se mantém e desenvolve sobre uma teia de relações humanas: subjectividades que em diálogo concorrem para a ontologia urbana de Luanda. A sua prática é orientada em função de uma hermenêutica do quotidiano, de um estar com e nas imagens que constroem a espessura sócio-afectiva de um espaço público que nunca deixa de ser privado.

(O Bi disse-me que regressa sempre a Luanda porque está optimista em relação ao futuro. Eu acredito no Bi)

Novembro de 2017

Ana Cristina Cachola

From 16.11 to 13.01.2018

fuck it's too late!

BINELDE HYRCAN

BALCONY
CONTEMPORARY ART GALLERY
Rua Coronel Bento Roma 12 A

1700-122 Lisboa | Portugal

T (+351) 211 339 866

M (+351) 969 847 655

info@balcony.pt

www.balcony.pt